

Barra dos Coqueiros, Se, em 20 de junho de 2023.

Carta aberta para as companheiras do Curso de Extensão: **Mulheres Corpos Memórias , Construindo Comunidades e Resistências.**

Prezadas companheiras!

Venho escrever esta carta, com tamanha emoção do quão foi tão forte os momentos em que estivemos juntas aos sábados desde o mês de março. Saibam que foi gerado diversos pensamentos ao longo desse período, esse trilhar despertou gatilhos e vontade de debruçar nas temáticas apresentadas.

Desde o primeiro encontro, esse curso movimentou algo diferente, um experimento enriquecedor, espelhar a vida em outras histórias. Tantas mulheres com cada, dor, cor, amor, sentimentos não descritos em diversas formas de falar, mas sim em gestos e olhares, que em momentos frutuosos virtuais, pudemos sentir através de uma rede de conexões e emoções.

Apresentar os sentimentos nesta carta é uma das intenções que venho a público, diante de tantas outras. Em todas as aulas em que pude participar, tive a oportunidade de falar e ouvir companheiras de diversos estados que em cada canto do país se debruçavam de alguma forma com as adversidades de gênero, raça, cor e etnia.

Em tantas outras rodas de conversas com cunho feministas eu não me encontrava, digo-lhes nunca me senti tão acolhida. As falas das palestrantes, organizadoras e das diversas companheiras me faziam chorar até chegar a soluçar.

No primeiro dia, me apresentei e disse onde trabalho para a querida Cleudes e demais companheiras do grupo. E assim pensei que seria super fácil, pois acolho mulheres em situação de violência doméstica há 10 anos e este curso seria mais um para meu currículo. Pois bem, trago verdades ao dizer que foi o melhor curso que vivenciei da minha vida, uma pena ser em um curto prazo, pois participaria desses momentos por todo o ano ou outro período.

Neste curso me vi em diversas falas. Em topos e montanhas perpassei enfrentando o medo de dizer que sou uma mulher negra criada por uma vó solo que criou seus filhos com o seu suor em lavanderias e pescando e no final dos tempos se

refez e tornou-se empreendedora dona de bar em povoado com a melhor moqueca de peixe da região.

Em seguida, seus filhos cresceram, com os destinos pré-estabelecidos, coisas de cidade pequena “*os machos alpha*” construíram suas vidas, saíram de casa para trabalhar enquanto suas filhas mulheres pré destinadas a cuidar da casa. Cansadas desta vida a duras penas, suas duas filhas mais velhas casaram logo na sua juventude para sair do peso do alimento que faltava na casa de sua mãe.

Com lágrimas nos olhos, lembro-me quando criança que chorava ao ver minha mãe apanhando do meu pai, e eu sendo a irmã mais velha que queria defender a minha mainha. Não tinha forças, mas tinha voz, chorava muito, ali era meu momento de tentar defender aquela que sofria para nos criar.

Em tempos sombrios, no trajeto da minha infância minha mãe consegue se separar do seu algoz, com a força e apoio da minha vó, que enfrentou a sociedade que a recriminava por aceitar sua filha separada debaixo de suas asas.

Portanto, faço esse recorte porque nos momentos em que essas diversas mulheres falavam me lembrava de onde vir e me criei. Hoje sou uma mulher casada por decisão minha, consigo levantar outras mulheres como minha mãe, avó e outras tantas antes de mim, que enfrentaram um patriarcado engessado, um machismo enraizado e um longo trajeto cheio de bagagens e rebatimentos para as outras depois de mim.

Assim, seguirei com o sentimento mais valoroso de gratidão por essa oportunidade de dialogar com várias mulheres na busca constante do autoconhecimento sem soltar as mãos de tantas outras companheiras.

Saudosamente,

*Edênia Francisca Santos Gouveia.*